

# DIDASCÁLICON E A EDUCAÇÃO PARA HUGO DE SÃO VITOR

Pedro Henrique Ciucci da Silva

Doutorando- PUC –SP

pedrociucci@yahoo.com.br

Em Agostinho e em Francisco de Assis, Jesus, o Verbo e Filho de Deus, é invocado como “sapiência do Pai”, tal expressão também é encontrada em Hugo de São Vitor.

Imagine você, meu caro leitor, no primeiro dia de aula, no início de setembro de 1127, na escola de São Vitor, em Paris. A grande sala com abóbodas ogivais de onde ressoa o burburinho dos jovens alunos, os quais vieram dos quatro cantos da Europa pacificada. Curiosos, eles fixam os olhos na entrada da sala, de onde finalmente aparece a figura do renomado mestre Hugo, que segura na mão seu último livro apenas escrito: **“Didascálicon – Da arte de ler”**. Faz-se silêncio. Os alunos se levantam. O mestre sobe à cátedra e entoia uma reza de iluminação, senta e todos também se sentam. No silêncio total, sentido sobre si, sob os olhos sagazes da classe, o mestre declama pausadamente a primeira fase do livro: **“... De todas as coisas a serem procuradas, a primeira é a sapiência, na qual reside a forma do Bem Perfeito!”**.

Ao jovem aluno é logo ensinado que a sapiência é, entre todas as coisas, a primeira. Mas essa sapiência não é alguma coisa, um estágio do conhecimento ou uma sabedoria qualquer. A sapiência é alguém, é a Segunda Pessoa da Trindade, o Verbo, o Logos, o Pensamento Divino, a Mente de Deus.

Aí vem a questão: E como é que o homem chega a conhecer essa sapiência?

Hugo responde: **“que tudo começa com o ato de ler, seguido pelo ato de refletir e, enfim, pelo ato de contemplar.”** A leitura, portanto, é o começo do saber. O bom aluno, diz Hugo, “ouve com prazer a todos, lê tudo, não despreza escrito algum, pessoa alguma, doutrina alguma, pois nenhum texto há, que não tenha algo a ser aproveitado, quando é lido no tempo e no modo apropriado”. Hugo injetava nos jovens uma grande fome de ler e de saber. Estudar, lendo, significa conhecer a sapiência. Por isso, a Filosofia, que começa com a leitura, nada mais é do que um exercício de amizade com Deus. *“A procura da sapiência é uma amizade com a divindade e com a sua pura mente.”*

Com essa saudação pragmática “Procurem primeiro a sapiência” começava o ano escolástico na Escola da Abadia de São Vitor, na margem esquerda do rio Sena. O homem medieval vivia com as antenas viradas para o alto, sondando os sinais do Eterno. Não obstante da Escola de São Vitor havia, na ilha do rio Sena, outra escola, a de Notre Dame, onde os jovens se encantavam com as argumentações do Mestre Pedro Abelardo. Em seguida, Abelardo transferirá os seus ensinamentos para a colina de Sainte-Geneviève, de onde desciam os vinhedos até o vale, onde ficava a Abadia de São Vitor. Destas escolas nascerá, por volta de 1200 a.d., a Universidade de Paris. Os mestres Hugo e Abelardo se destacam, na primeira metade do século XII, entre os maiores luminários do cenário cultural de Paris e Europa. Abelardo é mais exegético e lógico, ao passo que Hugo é mais místico, filosófico e teológico.

### *Uma filosofia cristã*

Da Arte de Ler é, antes de tudo, um texto de filosofia. Nele não se faz recurso à autoridade dos livros sagrados, como faria a teologia. Nele tudo é explicado com a luz da razão, como faz a filosofia. Mesmo quando, nos três últimos livros, Hugo ensina como ler os livros sagrados, o faz numa compostura racional.

Trata-se, claramente, de uma cristã, cujo ponto de partida é a existência do Ser Transcendente, Deus, que dá ao mundo a existência (causa final). Deus, em Da Arte de Ler, é definido por Hugo, sobretudo com a palavra razão. Deus é, em si, uma ordem, uma harmonia, uma inteligência racional. Este conceito de ratio é um dos mais importantes na filosofia do Da Arte de Ler. Criando o mundo, Deus dota-o de sua própria racionalidade, de sua própria ordem. *“A sapiência criadora é a razão única e primeira de todas as coisas”*.

Não se trata de uma razão lógica ou instrumental, como nas filosofias modernas. A razão dos modernos é apenas uma capacidade cognitiva e discursiva do homem. Chama-se lógico tudo aquilo que está na mente humana. A razão lógica é um fato humano, é a regra do pensar mental na condução do saber científico. Ela é uma função neurológica do cérebro humano, sem nenhum parentesco com a divindade.

A ratio do Da Arte de Ler é a ratio onto – lógica de alguém que é (ontos) independente da mente humana, antes desta, causa e ordem desta. Esta ratio, criando o mundo, torna-se semelhante a si mesma, divinamente ordenado e harmônico. Ela é o arquétipo do mundo. A razão Divina, portanto, encontra-se estendida, depositada no universo e, sobretudo no homem.

Desta ratio o mundo e o homem são constitutivamente, não apenas metaforicamente, semelhança, simulacro, espelho. Forma perfeita do mundo, a ratio divina in-forma o mundo. E a mente humana, parecida com

as estruturas racionais do universo, é um de tudo e possui as condições para compreender tudo, inclusive o próprio Deus, a Sapiência.

Esta ordem racional do homem no universo é continuamente oferecida no corpo e no espírito pelas formas sensíveis e materiais que distraem o homem. Como restaurar esta ordem? A semelhança do homem com a sapiência é restaurada pelo próprio homem, mediante a atividade manual do trabalho e, sobretudo, pela atividade intelectual. **“Somos reparados pelo conhecimento”**. Nisto, insere-se o ato de ler, cuja finalidade é introduzir aquele que lê e que estuda, naquele conhecimento que restaura em nós a semelhança com a divindade, concepção grandiosa do saber humano.

É evidente, nesta filosofia de Hugo, o seu parentesco com conceitos neo-platônicos, orientais e cristãos a um só tempo. O pseudo-Dionísio, o comentário de Macróbio ao Ciceroniano *Smnium Scipionis* e aos escritos de Boécio inspiraram conceitual e verbalmente as páginas do *Da Arte de Ler*.

### ***Uma filosofia da educação***

Enquanto destinado a ensinar o que ler, como ler, por que ler, o *Da Arte de Ler* é também um texto de filosofia da educação. Vendo aquelas ondas de jovens que chegavam nas escolas de Paris, o mestre Hugo concebeu a ideia de apresentar-lhes um quadro geral dos estudos e das disciplinas, para que eles se situassem e pudessem escolher. É na história, o primeiro livro pedagógico direcionado diretamente aos alunos, que nele encontravam um roteiro sobre o que ler e como ler. Além disso, nele os

jovens encontravam conselhos sobre as qualidades que fazem do jovem um bom discípulo, cuja atitude suprema é a disciplina.

Vejam, por um momento, o currículo escolar da época, variável antes da criação das universidades em 1200 a.d, mais fixo com a multiplicação delas.

Primeiro, estudava-se na faculdade das artes, o trívio (três vias, artes da linguagem: gramática, dialética e retórica) e o quadrívio (quatro vias, artes das coisas: aritmética, música, geometria e astronomia). Era uma espécie de colegial, que acontecia entre os 14 e os 20 anos. Em artes, estudavam os livros de lógica, na matemática, física e metafísica dos filósofos gregos, árabes e dos próprios mestres que ministravam os cursos.

Depois, acedia-se às faculdades de teologia, direito ou medicina, que duravam seis anos para aquisição da licença e o doutorado. Mas o estudo da teologia durava de oito a quinze anos. O doutorado em teologia podia ser obtido com a idade mínima de 35 anos.

Em medicina, estudava-se Hipócrates, Galeno e as sumas árabes de Avicena e Averroes. Em direito, estudava-se principalmente os direitos canônicos, da Igreja e a legislação imperial. Em teologia, discutiam-se as sentenças de algum pensador exímio (autoritas). As aulas costumavam começar com a leitura de um texto de um grande autor (lectio, lição) e em seguida procedia-se às questões (quaestio) e discussões (disputatio).

Para que serve a educação? Para onde, você, jovem, quer ir mediante o estudo e a leitura? Para onde um professor, de então e de hoje, quer levar o aluno pelo ato de ensinar? A resposta é clara em Hugo. Fazer artes, teologia, direito e medicina têm a finalidade de, conhecendo as maravilhas da natureza, pode-se conhecer o artífice dela. Em suma, o ler e o ensinar são um entretenimento com a mente divina.

Mas o ato de ler é também um ato moral e político, pois aquele que se alimentou da leitura, deve alimentar a cidade, vigiando sobre ela como uma sentinela.

### *Uma introdução ao saber*

O Da Arte de Ler é também uma introdução dos estudos, a primeira introdução escrita no segundo milênio. Este tipo de gênero, de introduções ao saber, nasce em ambientes alexandrinos, na metade do século II, estende-se pelos ambientes sírio-árabes e penetra nos ambientes latinos à partir de Boécio, no século V. O termo filosofia era utilizado para indicar o saber em geral, a melhor, a reflexão mais profunda sobre o significado das várias ciências.

Os alexandrinos e os árabes foram os primeiros a iniciar o costume de enquadrar estas introduções em seis perguntas: 1ª) O que é filosofia? 2ª) Por que é chamada assim? 3ª) Qual é a sua intenção? 4ª) Qual a sua finalidade? 5ª) Quais as suas divisões e subdivisões? 6ª) O que deve-se dizer sobre cada uma delas?. O Da Arte de Ler, em seus primeiros três livros, responde a todas estas perguntas: 1) elenca com definições de filosofia; 2) explica a origem grega do termo, atribuída a Pitágoras; 3) declara a intenção da filosofia; 4) mostra a sua finalidade; 5) propõe as divisões da filosofia, acrescentando a novidade das ciências mecânicas, isto é, o trabalho manual; 6) dá explicações sobre cada uma das partes nas quais a filosofia se subdivide.

Acerca da primeira pergunta – O que é filosofia? A primeira definição é a etimológica, atribuída a Pitágoras, na qual a filosofia é o amor (filia) da sapiência (sofia). O filósofo não é aquele que possui a sapiência,

mas é aquele que humildemente a procura, amando-a. Esta sapiência em Hugo é, como já dissemos, a mente de Deus: a filosofia é o amor e o zelo, e em certo sentido, uma amizade para com a sapiência, a qual, não carecendo de nada, é mente viva e única causa primordial das coisas.

A segunda definição de saber estóico é conhecida em ambientes romanos, bizantinos, agostinianos e latinos: a filosofia é a disciplina que investiga exaustivamente as razões de todas as coisas humanas e divinas.

### **Uma novidade na cultura mundial: o trabalho como parte do saber filosófico**

Em termos de divisão geral do saber e de classificação das ciências, chegam até Hugo duas tradições: 1) a tradição platônico-estóico-agostiniano-isodoreense, que divide a filosofia em Física, Ética e Lógica; 2) a tradição aristotélica-alexandrino-boeciana, que divide a filosofia em Teórica, Prática e Poética. De 900 a 1100 a.D corre um período de silêncio nas introduções à filosofia. Repentinamente, sob o impacto dos textos greco-árabes e dos primeiros textos científicos de Aristóteles, o século XII explode. É o momento do Da Arte de Ler.

Hugo introduz uma grande novidade, acrescentando à filosofia as ciências mecânicas e dividindo-as em quatro partes: teórica, prática, mecânica e lógica. A teórica se divide em teologia, matemática e física; a matemática compreende a aritmética, geometria, astronomia e música. A prática se divide em: solitária (ética e moral), privada (econômica e dispensativa), pública (política e civil). A mecânica engloba sete ciências: manufatura da lã, armadura, navegação, agricultura, caça, medicina e lazer. A lógica se divide em: gramática (arte de escrever) e ratio disserendi (arte de argumentar); a arte de argumentar se divide em: demonstrativa, provável e sofística: a provável se divide em: dialética e retórica.

Hugo faz uma leitura da história e percebe que o tempo estava grávido da necessidade de inserir o agir manual do homem no saber filosófico. E o tempo era do século XII, que representava a aurora de novos dias na Europa e na história da humanidade.

### **A revolução intelectual do século XII. Da natureza resolvida em teologia à natureza resolvida em ciência e filosofia**

Hugo de São Vitor, juntamente com Abelardo, Abelardo de Bath, Thierry de Chantes, Gilberto de Poitiers, Guilherme de Conches, John de Salisbury, Pedro Lombardo e São Bernardo, integra o grupo de pensadores que, na primeira metade do século XII, interpretam um novo papel da razão no estudo do mundo natural e sobrenatural.

Em física registra-se a inventividade de um renovado espírito empírico, de modo que hoje se fala de uma “Revolução intelectual do século XVII”, um gênero de iluminismo medieval e meio caminho entre o iluminismo de Mileto de 600 a.C e o iluminismo francês de 1750 a.D.

#### ***Da Arte de Ler***

O Da Arte de Ler, escrito em 1127, precede quase todos os outros escritos de Hugo. É um livro de grande fortuna, sobretudo nos últimos decênios. Símbolo da efervescência de uma época, o Da Arte de Ler é a obra mais famosa ao lado do Dos Sacramentos, que evidencia a face teológica do Vitorino. O Da Arte de Ler, sua obra magna, divide-se em seis volumes ou livros:

**Livro I:** Resume as bases antológico-gnoseológicas da filosofia de Hugo: a alma do mundo e a alma individual, a abrangência e a divisão da



filosofia, a razão, a essência das coisas, mundo sublunar e supralunar, semelhança do homem com Deus, o agir do homem e de Deus, a natureza.

**Livro II:** Apresenta as artes: a teologia, a matemática com as artes do quadrívio, a quadratura da alma e do corpo, a física, as ciências mecânicas em número de sete, a lógica com as artes do trívio.

**Livro III:** Dá aos jovens conselhos sobre como ler e o que ler: quais foram os autores das artes, artes prioritárias na leitura, discernimento no estudo, meditação, memória, disciplina, humildade, silêncio, despojamento, exílio.

**Livro IV:** Abre a série dedicada à leitura dos livros sagrados: número e ordem dos livros, seus autores e tradutores, seu cânon, autores do Novo Testamento, significado dos nomes dos livros sagrados, concílios, escritos autênticos e apócrifos, etimologia de certos nomes como código, volume, carta, pergaminho e outros.

**Livro V:** Dá as regras exegéticas de interpretação na leitura dos livros sagrados: modo de ler, o tríplice método histórico-alegórico-tropológico no estudo das Escrituras, significado das palavras e das coisas, as sete regras com as quais a Escritura se exprime, os obstáculos ao estudo, o fruto da leitura divina, como fazer da Escritura um meio para corrigir os costumes, os estágios do estudo e do entendimento para a perfeição, os três tipos de leitores da Escritura, entre os quais alguns procuram somente a ciência, outros, a maravilha, outros, enfim, a salvação.

**Livro VI:** Dedicar-se mais amplamente ao estudo dos três métodos de interpretação da Escritura e oferece outros conselhos de leitura: interpretação histórica em sua ordem temporal (*ordo temporis*), interpretação alegórica segundo a ordem de conhecimento (*ordo cognitioris*), interpretação tropológica (moral) com atenção às coisas mais,

que as palavras, reflexões sobre termos, letra, significado, sentença e meditação.

Agora nos vem uma questão diante desta obra: uma filosofia do trabalho em *Da Arte de Ler*, um fio condutor entre a Idade Média e a modernidade? Sem sombra de dúvida que Hugo é notável por ter sido o primeiro na história das ideias, a situar dentro da filosofia as ciências mecânicas, ou seja, a ação eficaz do trabalho humano sobre a natureza.

### **O otium como atividade**

O termo *otium*, em latim, significa: a) inação, repouso, tempo livre (em oposição a *negócio* – negação do *otium* – trabalho, pressa) b) dedicação aos estudos e a expansão da consciência humana, disponibilidade para escrever, diz Cícero em *Ofícios* 2,4.

Em *Da Arte de Ler*, o termo *otium* existe no sentido de dedicação ao saber, que vai da leitura à meditação e à contemplação. Hugo diz que o *otium* é a quietude exterior da vida para dedicar-se a estudos dignos e úteis: a quietude da vida é o interior, para que a mente não se perca em desejos ilícitos, ou exterior, para que o tempo livre (*otium*) e a comodidade permitam estudos honestos e úteis. Uma e outra pertencem à disciplina moral (III, 16). O vitorino destaca que o tempo livre torna-se vergonha se não é conduzido com ordem e método: o método é tão importante, que sem ele qualquer tempo dedicado aos estudos é torpe e todo trabalho inútil.

Em breve o *otium*, *skholé* em grego, *schola* em latim, em italiano *scuola* e em português *escola*, carrega consigo o significado da atividade pensativa e artística do homem. A *escola* é um *otium*, ou seja, um clima espiritual e um estado de espírito, muito diverso do suor e calor do dia representado pelo trabalho.

## **O ler é o início do saber. A perfeição do saber está na ação e na contemplação**

Mas a leitura é o começo da aprendizagem (*principium doctrinae*), cujo ao final, já sem regras e amarras, é o vôo livre da contemplação. Entre a leitura e a contemplação existem outros degraus pelos quais o estudante deve passar, a fim de alcançar a perfeição. São estes os cinco degraus: 1) a leitura; 2) a meditação; 3) a oração; 4) a prática; 5) a contemplação. Entre estes cinco degraus, o primeiro, a leitura, é dos principais e o supremo, a contemplação, é dos perfeitos.

### **Bibliografia**

**Didascálicon da Arte de Ler.** Hugo de São Vitor; introdução e tradução Antonio Marchionni. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

**A filosofia na Idade Média.** Étienne Gilson; Tradução Eduardo Brandão. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

**História da Filosofia cristã.** Philoteus Boehner; Introdução e tradução Raimundo Vier. 5ª Ed. RJ: Vozes, 1991.